

# ARTE E ENSINO I

Profª Me. Katiane dos Santos



# APRESENTAÇÃO

Para entender a Arte dentro do contexto educacional faz-se necessário a apropriação de vários conceitos e significados, o que implica na explicitação da sua dimensão como um dos componentes curriculares. Nesse sentido, o presente documento visa abordar a epistemologia da Arte, seus conteúdos, metodologia e avaliação.

O ensino de Arte por muito tempo apresentou-se a partir de um caráter meramente utilitário, onde sua prática era reduzida ao fazer de forma instrumental, sem associação à construção do conhecimento e do desenvolvimento do saber sensível. No contexto contemporâneo, principalmente após a promulgação da Lei 13.278 de 02 de maio de 2016, a qual alterou o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o ensino das quatro linguagens da Arte (Artes visuais, Dança, Música e Teatro) tornou-se obrigatório em todos os níveis da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Portanto, neste material compreende-se o Ensino da Arte, a partir do entendimento de que tal disciplina constitui-se dentro de um espaço e tempo curricular onde privilegia-se a busca e a aquisição de saberes artísticos e estéticos. De modo que, como descrito por Ferraz e Fusari (2009, p. 28): “Quando tratamos do fazer e do apreciar a arte na escola, estamos nos referindo aos procedimentos de ensino e aprendizagem realizados de maneira intencional, criadora e sensível”.

# TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE

Para ler os textos sobre a temática na íntegra, procurar os seguintes livros:

IABELBERG, R. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERRAZ, M. H.C. de T.; FUSARI, M. F. de R. Metodologia do Ensino da Arte: fundamentos e proposições. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.



Para que seja compreendida a atual conjuntura da disciplina de Arte no contexto educacional, é imprescindível que se tenha clara a sua epistemologia, a qual pode ser compreendida partindo histórico das tendências metodológicas no ensino da mesma, afinal, como destacado por Ferraz e Fusari (2009, p.37): “As práticas educativas, assim como as outras áreas de conhecimento, surgem de mobilizações políticas, sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso de arte, também de teorias e proposições artísticas e estéticas”.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009), existem duas vertentes educacionais em Arte: idealista liberal e realista progressista.

A primeira, idealista liberal, apresenta-se a partir da Escola Tradicional, Escola Renovada Progressista, Escola Renovada Não-Diretiva e Escola Tecnicista, onde a educação é garantida no sentido de construir uma sociedade mais igualitária e democrática

Ao passo que a tendência realista progressista visa a conscientização da população, sendo representada pela Escola libertadora, Escola libertária e Escola Crítico-social dos Conteúdos.

De acordo com Iavelberg (2003) a Escola Tradicional é iniciada na República, sendo influenciada por modelos educativos estrangeiros. Antes disso, no período colonial onde grupos religiosos, dentre os quais os Jesuítas prevaleceram, eram os responsáveis pela educação, a literatura era predominantemente superior às belas artes. Com a chegada da Missão Francesa no século XIX é que foi criada a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde o modelo educativo se apresentou em uma perspectiva neoclássica, ou seja: “A aprendizagem se dá através da mimese – “cópia de modelos” e do “natural” – pela repetição mecânica de modelos, e não por imitação ativa sobre o modelo da natureza ou da cultura” (IAVELBERG, 2003, p.110).

A concepção neoclássica continua dominante na Escola Tradicional. Nesse momento é dada ênfase ao ensino de desenho, o qual se relaciona com o progresso industrial, pois caracterizava-se pelo seu caráter utilitário, para a preparação de trabalhadores nas fábricas ou no artesanato. Nas escolas, a prática centrava-se na linha, contorno, traçado e configuração. Além disso, era dada ênfase à repetição, para a fixação dos modelos propostos pelo professor, a fim de aprimorar a técnica e ganhar destreza (IAVELBERG, 2003).

Em relação às outras linguagens artísticas: “A partir dos anos 50, música, canto orfeônico (desde os anos 30) e trabalhos manuais (separadamente para meninos e meninas) passam a compor o currículo escolar. O teatro acontecia nas festas do final de ano ou nas datas comemorativas do calendário escolar (IAVELBERG, 2003, p.111)”.

O que se tem é o ensino da arte condicionado à reprodução e não ao processo. Os conteúdos são apenas repassados e os alunos os reproduzem. Esse tipo de prática, infelizmente, ainda pode ser visualizada em algumas realidades, quando observa-se, por exemplo, apresentações teatrais em datas comemorativas centradas na memorização de textos e na simples reprodução deste, sem muita expressividade. Além disso, nota-se que até o momento, das quatro linguagens artísticas, a dança ainda não é oferecida como conteúdo.

Na escola tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório (...) na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto a relação interpessoal, intersubjetiva... (SAVIANI, 1995, p.24.)

A partir de 1930, surge no Brasil a Escola Nova, um movimento que teve origem nos Estados Unidos e que em Arte traz o conceito da livre expressão:

Na Escola Nova, a ênfase é a expressão como um dado subjetivo e individual que os alunos manifestam em todas as atividades, as quais passam de aspectos intelectuais para afetivos. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo de trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada em novos estudos pedagógicos, filosóficos e psicológicos. Foram importantes no desenrolar desse movimento as reflexões assentadas nos trabalhos de psicanálise, psicologia cognitiva e gestalt (FERRAZ & FUSARI, 2009, p.47).

Neste momento, a livre-expressão fez com que tudo fosse permitido em Arte, de modo que nas artes visuais, o desenho livre é o grande marco, caindo no espontaneísmo.

Em relação à Arte na Escola Tecnicista, a qual vem para o Brasil nos anos 60 e 70, o que se observa é uma volta à preparação para o mercado de trabalho. Os estudantes são submetidos à uma escola no modelo mecânico e racional, com vistas à submissão destes às normas escolares. Nesse sentido, com a promulgação da LDB 5692/71 a então chamada Educação Artística, é concebida no currículo como “atividade”, onde os alunos “aprendiam a fazer” a partir de práticas de desenho, música, trabalhos manuais, canto e coral e artes aplicadas (IAVELBERG, 2003).

Exemplo de prática advinda da Escola tecnicista.

De acordo com a mesma autora citada anteriormente, na Escola Libertadora o intuito era de conscientizar o povo, de modo que na Arte as propostas se dão em torno da pedagogia ativa, iniciada com um tema gerador.

Na Escola Libertária o que se tem é uma autonomia das instituições, professores e alunos, sendo que os conteúdos trabalhados eram dados de acordo com a necessidade do grupo (IAVELBERG, 2003).

O ensino da arte na escola libertadora e libertária segue as propostas da pedagogia ativa, com ações interdisciplinares em torno de um tema gerador. As práticas não são diretivas, e os conteúdos da arte popular, com conteúdo político, eram forte presença nas escolas. (IAVELBERG, 2003, p 116).

Paulo Freire, educador brasileiro reconhecido internacionalmente, desenvolveu a proposta de educação libertadora na década de 60, a qual foi considerada inovadora, revolucionária.

Para saber mais, acesse o texto.

No final da década de 70 são retomados estudos teóricos-críticos que dão início à Escola crítico-social dos conteúdos. A intenção é de garantir uma escola competente que delimite conteúdos fundamentais de ensino, além disso, busca-se a união entre teoria e prática com vista à formação crítica do educando, tornando o professor o mediador do processo de ensino aprendizagem que relaciona a experiência do aluno ao saber (IAVELBERG, 2003).

Para saber mais, acesse o vídeo.

Em 1996 a Arte se torna componente curricular obrigatório afirmado na LDB 9394/96, além do mais, ficou definido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Arte que seu ensino dar-se-á baseado nas quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro;



IMAGENS: FREEPIK (ADAPTADAS)

Ler o texto que trata da atual conjuntura do ensino da Arte e também da formação do professor

[...] considerando também temas transversais: meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual, ética, trabalho e consumo. Eixos de aprendizagem também são divulgados a fim de se concretizar uma aprendizagem significativa: o fazer artístico do aluno, a apreciação e a reflexão sobre a Arte. Desse modo é que surge a Arte na Escola Construtivista.

Assista o vídeo que trata sobre as principais ideias da pedagogia construtivista.

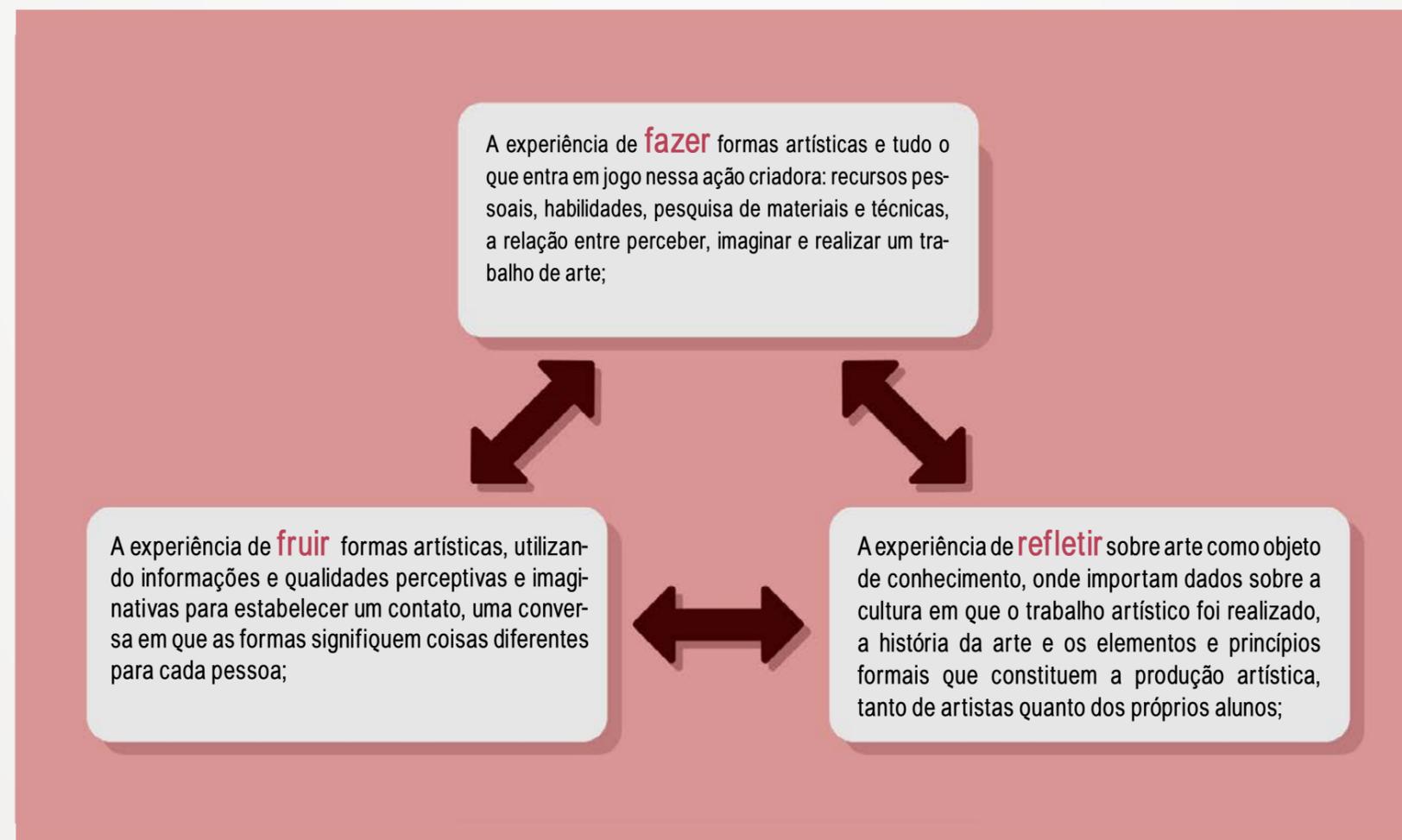
A partir das concepções acima é que podemos compreender a atual conjuntura do ensino da Arte. Em âmbito nacional existem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, as quais direcionam a organização e o planejamento curricular das propostas pedagógicas. O Conselho Nacional de Educação, através da LDB 9394/96 assinala a incumbência da União Estabelecer, com a colaboração do Estado, do Distrito Federal e dos Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

LDB 9394/96

Assim, o presente documento se destina à compreensão de se ensinar Arte. Acredita-se que para tanto há a demanda do entendimento de dois pontos essenciais:

1. **Compreender a Arte como área do conhecimento humano, patrimônio histórico e cultural da humanidade;**
2. **Entender a Arte como linguagem, portanto, sistema simbólico de representação.**

Como objetivo de aprendizagem de forma significativa é necessário que o aluno tenha interação com o campo da Arte de maneira direta, de modo que três pontos da prática metodológica são novamente ressaltados:



O que se tem é uma preocupação em se experienciar vivências, afinal para as autoras o conhecimento não se dá a partir do conteúdo decorado, mas sim a partir da interpretação de tudo o que os rodeia, ou seja, da interpretação do mundo. Nessa perspectiva de ensino é necessário compreender também quem ensina, quem é o professor.

Leia o texto que fala sobre a formação do professor e também das transformações ocorridas no ensino da Arte.

Martins, Picosque e Guerra (1998) apontam para a construção do conhecimento baseado na construção de signos, ou seja, compreendendo conceitos, processos e valores. Assim, o professor se torna um compartilhante do conhecimento, indica caminhos a partir da sua vasta experiência, dedicação e habilidade, fazendo com que o educando consiga construir a sua própria rede de significados.

Dentro da mesma perspectiva de se construir uma aprendizagem significativa, faz-se necessário atentar para o objeto de conhecimento da área, ou seja, a própria arte, sendo possível apenas quando privilegiadas as particularidades de cada linguagem artística. Desse modo, vejamos a seguir o que é tomado como conteúdo, para que a criança seja capaz de se desenvolver nas linguagens.

Na música, Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 132) consideram importante que o aluno desenvolva:

- A prática do pensamento musical, imaginando, relacionando e organizando – intencional e expressivamente – sons e silêncios, no contínuo espaço-tempo. Para isso vai utilizar materiais e recursos, tais como: Os parâmetros do som (altura, duração, intensidade e timbre) [...]

- A composição, a improvisação e a interpretação como meios para o desenvolvimento de tal prática; A voz, o corpo, os variados instrumentos musicais ou objetos sonoros;
- A estrutura da linguagem musical e seus elementos constitutivos (sinais e signos sonoros, modos, melodias, ritmos, tonalidades, séries), lendo e produzindo formas sonoras.
- A prática da escuta musical, entrando em contato com as diferentes formas, gêneros e estilos musicais, analisando e reconhecendo seus modos de estruturas e organização
- Os modos de notação e registro musical, integrando a criação de notações ao sistema de leitura e escrita tradicional, bem como aos códigos de notação musical contemporâneos.

No que diz respeito à linguagem teatral, as mesmas autoras consideram de extrema importância reavivar as brincadeiras de “faz-de-conta”, pelo fato de se tornar uma representação de uma história fictícia. O conhecimento vai se dando de forma lúdica e encaminhando-se para a representação teatral, a qual inclui toda a estrutura da linguagem teatral, seus elementos constitutivos, tais como: ação dramática, espaço cênico, personagem, relação palco/platéia, figurino, maquiagem, iluminação, som, maquiagem; além de textos, roteiros e vários gêneros dramáticos.

Na linguagem visual a prática de poetizar, fruir e conhecer se dá quando é possibilitado ao aluno:

A prática do pensamento visual tornando visível, materializado, através da forma e da matéria; A pesquisa e a leitura da estrutura da linguagem visual e da articulação de seus elementos constitutivos: ponto, linha, forma, cor, textura, dimensão, movimento, volume, luz, planos, espaços, equilíbrio, ritmo, profundidade... A experimentação nos diferentes modos da linguagem visual: pintura, desenho, gravura, escultura, modelagem, caricatura, histórias em quadrinhos, colagem, fotografia, cinema, instalação, vídeo, tevê, informática... O manuseio e a seleção de materiais, instrumentos, suportes e especificidades como recursos expressivos (MARTINS, PICOSQUE & GUERRA, 1998, p.136).

Com relação ao aprendizado da dança, pensando em termos de movimentação, a criança, por meio da ação corporal, deve praticar o pensamento cinestésico; aprender a estrutura e funcionamento corporal; criar utilizando a improvisação e movimentos expressivos dados pelas diferentes formas corporais; criar coreografias simples registrando-as; conseguir comunicar pelo movimento (MARTINS, PICOSQUE & GUERRA, 1998).

Mesmo sendo descritas separadamente, é necessário que se tenha um entremear entre as linguagens, articulando-as uma às outras. Além disso, reconhece-se que na contemporaneidade existem expressões artísticas híbridas, tal como: performance, dança-teatro ou videoclipe; as quais também devem fazer parte dos conteúdos da arte.

Para complementar as principais características do ensino da arte, é indispensável que seja também abordada a avaliação. A avaliação é um objeto bastante discutido em todas as áreas do conhecimento, da mesma forma, em arte isso é ainda mais tênue, pelo fato de se tratar de uma disciplina de caráter sensível e também cognitivo.

Como área de conhecimento, dentro da disciplina de Arte também é necessário que se planejem propostas avaliativas que correspondam com o percurso de aprendizagem dos alunos e potencializem as conexões entre produção, apreciação e contextualização. Desse modo, é necessário que a avaliação seja coerente, contínua, formativa, compreendida pelos estudantes e integrada à prática artística, sendo que:

Compreende-se então que a avaliação tem o objetivo de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, sendo um meio e não um fim em si mesmo. Tal desenvolvimento se dá a partir de instrumentos e critérios que se adéquem à realidade do seu público. Pode ser feito por trabalhos escritos, processos criativos, portfólios, livros de atos, provas, entre outros.

Se o principal objetivo das aulas de arte é a produção e leitura de textos visuais, sonoros e gestuais, fica óbvio que a avaliação deve partir daí, de como os aprendizes se apropriam dessas linguagens. [...] A avaliação tem de ser transparente, tanto para o educador quanto para os seus aprendizes. Numa avaliação em arte, todos participam, discutindo regras e critérios, tendo clareza dos pontos de partida e pontos de chegada. A avaliação acontece durante todo o desenvolvimento da experiência artística e também no final, mas nunca unicamente no final (MARTINS, PICOSQUE & GUERRA, 1998, p.142).

Em suma, organizar a prática educativa na disciplina de arte requer empenho pedagógico para que a mesma seja compreendida como uma área de conhecimento que possui conteúdos próprios, exige metodologias e avaliações adequadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.278 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República, Casa Civil, DF, 02/05/2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_3/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_3/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm). Acesso em: 23/08/2016.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações, 5ª ed. São Paulo, Autores Associados, 1995.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e Proposições. 2ed. Revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2009.

IAVELBERG, R. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. Didática do Ensino da Arte: A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FDT, 1998.

<http://alicearteducacao.blogspot.com.br/2013/05/rosto-medidas-e-proporcoes.html>

<http://www.lion.art.br/p/escola.html>

[http://www.freepik.com/free-photo/drawing-elements-on-the-table\\_859053.htm#term=desenho livre&page=2&position=7](http://www.freepik.com/free-photo/drawing-elements-on-the-table_859053.htm#term=desenho%20livre&page=2&position=7)

<http://pedagogiaformacaoetica.blogspot.com.br/>

<http://ew-willianlira.blogspot.com.br/2016/01/18-quadrinhos-contudentes-para.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=gsldOzGVEw0>

<https://www.youtube.com/watch?v=ol0b-bVawBY>

<https://musicaeinclusao.wordpress.com/category/opiniao/>

[http://wiki.semed.capital.ms.gov.br/index.php/Turma\\_-\\_B\\_-\\_Vespertino](http://wiki.semed.capital.ms.gov.br/index.php/Turma_-_B_-_Vespertino)